

## O trabalho esgota a essência do ser social para György Lukács?

MARLON DA SILVA REZENDE

**Resumo:** Este estudo visa investigar a filosofia de György Lukács, especificamente sua obra máxima, *Para uma Ontologia do Ser Social*, na qual o autor apresenta sua perspectiva sobre a essência do ser social. A problemática que nos aparece e tentaremos responder é: para György Lukács, em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social*, o trabalho é (ou melhor, esgota) a essência do ser social ou se, apesar de ter uma prioridade ontológica, esta categoria (a saber, o ser social) não pode ser reduzida ao trabalho? Com isso fica assinalado que o tema que será abordado é a ontologia, que significa estudo do ser; contudo, não se quer aqui estudar de forma geral a ontologia, ou seja, todos os seres, mas sim um ser específico e particular, o ser social.

**Palavras-chave:** Ontologia do ser social; essência do ser social; complexo do trabalho.

### Does work exhaust the essence of the social being for György Lukács?

**Abstract:** This study aims to investigate the philosophy of György Lukács, specifically his magnum opus, *Towards an Ontology of the Social Being*, in which the author presents his perspective on the essence of the social being. The problem that appears to us and we will try to answer it is: for György Lukács, in his work *For an Ontology of the Social Being*, work is (or rather, exhausts) the essence of the social being or if, despite having an ontological priority, this category (namely, the social being) cannot be reduced to work? This means that the topic that will be addressed is ontology, which means the study of being; however, here we do not want to study ontology in general, that is, all beings, but rather a specific and particular being, the social being.

**Key words:** Ontology of social being; essence of the social being; complex of work.



\* MARLON DA SILVA REZENDE é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis e em Serviço Social pela Universidade do Grande Rio.

## Introdução

Este estudo visa investigar a filosofia de György Lukács, especificamente sua obra máxima, *Para uma Ontologia do Ser Social*, na qual o autor apresenta sua perspectiva sobre a essência do ser social.

A problemática que nos aparece e tentaremos responder é: para György Lukács, em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social*, o trabalho é (ou melhor, esgota) a essência do ser social ou se, apesar de ter uma prioridade ontológica, esta categoria (a saber, o ser social) não pode ser reduzida ao trabalho?

Por conseguinte, fica assinalado que o tema que será abordado é a ontologia, que significa estudo do ser; contudo, não se quer aqui estudar de forma geral a ontologia, ou seja, todos os seres, mas sim um ser específico e particular, o ser social.

Analisaremos o ser social tomando como norteador a obra de Lukács. Este mesmo autor elabora sua “ontologia do ser social” tendo como objetivo a elaboração de uma ética. Este filósofo queria desenvolver uma nova visão sobre a ética, partindo do pensamento de Karl Marx, pois para Lukács dentro do movimento de várias correntes marxistas houve um empobrecimento no que diz respeito à esfera ética.

Dessarte, o autor húngaro queria uma renovação dos pensamentos marxistas. Todavia, para a criação de uma ética dentro da corrente marxista, seria necessário primeiro estudar o sujeito ético, o único que pode ser,

verdadeiramente, ético, que é o ser social.

O estudo para a elaboração de uma ontologia do ser social, da sua essencialidade, acabou se tornando uma obra à parte e até se tornando sua principal obra, enquanto o objetivo de elaborar sua ética nunca foi alcançando, já que o autor morreu antes de produzir sua obra de ética.

Lukács busca orientar sua ontologia, e principalmente sua ontologia do ser social, na obra de Karl Marx. Inspirando-se diretamente na obra de Marx, Lukács quer iniciar uma ontologia do ser social com uma abordagem marxista. Todo este esforço está presente na sua grande obra, *Para uma Ontologia do Ser social*, em que, no capítulo intitulado “O trabalho”, é apresentada sua visão sobre qual seria a gênese e essência<sup>1</sup> do ser humano, tendo como categoria de mediação o complexo do trabalho.

Lukács é um filósofo que sempre lutou pela dignidade do ser social, valorizou o ser social ao longo da sua trajetória e seu interesse filosófico esteve sempre presente na condição da realidade da humanidade. Mesmo quando se difundiam concepções filosóficas e teóricas contra o humanismo, nunca deixou de lutar para defender o mesmo. Por estas razões, pela sua intenção de entender o que é o ser social no seu mais íntimo como ser e sua “fé” neste ser de poder criar condições melhores para sua existência material e espiritual, concebemos György Lukács um autor profundamente humanista do século XX.

<sup>1</sup> É importante destacar que não se entende aqui a essência humana, do ser social, anterior ao mesmo. Uma essência que é dada por algo não humano ao ser humano, a-histórico. A concepção que se desenvolve aqui é a de Marx e de Lukács, que compreende a essência humana formada

historicamente e pelo próprio ser social, entendendo como a essência do ser social a sua relação com as realidades em sociedade, ou seja, a essência humana, do ser social, sendo as relações sociais.

Com o que foi exposto logo acima, fica claro para nós a necessidade de estudar e investigar este filósofo, um grande autor marxista do século XX, para entender melhor suas argumentações e sua visão sobre a humanidade, em um cenário contemporâneo em que somos cercados pelo horror e pela barbárie; em que se perde a esperança para um futuro melhor para a humanidade. Uma filosofia profundamente humanista parece, para nós, ser um norteador neste cenário de problemáticas aterradoras, uma visão sobre o homem que tenta encontrar a esperança de um mundo melhor no próprio homem.

### **As interpretações vulgarizadoras de Marx e da tradição marxista**

Antes de apresentar a própria obra de Lukács, é necessário discutir as interpretações vulgarizadoras da obra de Marx e da tradição marxista. Estas interpretações parecem argumentar uma ontologia do trabalho ou uma “centralização” do trabalho, tanto em Marx como em todos os marxistas, sendo, supostamente, algo central na análise da sociedade realizada por Marx e seus seguidores.

Um autor que parece ter este pressuposto é o sociólogo e filósofo Jürgen Habermas. Na obra *Para a Reconstrução do Materialismo dialético* e, especificamente, no subcapítulo, intitulado *Para a reconstrução do Materialismo Histórico*. Habermas (1990) parece partir do pressuposto que existe, em Marx e na tradição marxista, uma espécie de “centralidade” do trabalho, ou mesmo, uma ontologia do trabalho. Mesmo o autor não utilizando estes termos, sua argumentação parece partir deste pressuposto, na tentativa de dizer que a análise da sociedade realizada por Marx e os marxistas, partindo da análise do trabalho, é obsoleta. O mesmo autor argumenta que

a melhor maneira de estudar o surgimento da sociedade seria, supostamente, pela “centralidade da esfera comunicacional ou da intersubjetividade” (FORTES, 2016, p. 46), elaborando uma “centralidade” da comunicação contra a “centralidade” do trabalho.

Mesmo Habermas observando a *Ideologia Alemã*, obra de Marx e Engels e outras obras dos mesmos autores, as interpretações de Habermas estão alicerçadas na interpretação de autores como Karl Kautsky, Gueorgui Plekhanov e Josef Stalin (HABERMAS, 1990, p. 124 e 126), que são autores vulgarizadores da obra de Marx, dentro da própria tradição marxista (NETTO, 2009, p. 670). Talvez por esta razão Habermas realiza esta exposição vulgar do pensamento de Marx, ou realiza uma argumentação vulgar de forma intencional, para assim ficar mais fácil de rebater a obra marxiana e marxista (FORTES, 2016, p. 46). Todavia, houve autores que, na tentativa de rebater Habermas e sua “centralidade” da comunicação, vão reafirmar o pressuposto do mesmo autor, de haver uma centralidade do trabalho em Marx e no marxismo. Um pensador que realiza esta argumentação contra Habermas, reafirmando a centralidade do trabalho, é o sociólogo Claus Offe.

Claus Offe, na sua obra intitulada *Trabalho: A Categoria chave da Sociologia?*, argumentará a importância do conceito de trabalho para a sociologia e tentará provar que a mesma ainda é importante para o estudo da sociedade. Contudo, o mesmo autor, vai afirmar a centralidade do trabalho e que esta centralidade é um conceito central nas obras dos principais nomes da Sociologia, como Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx (OFFE, 1995, p. 167).

Offe advogará a favor da centralidade do trabalho, contra as tendências na Sociologia que defendiam o fim da sociedade do trabalho, e advogavam uma outra esfera de conflito e outras categorias centrais para a análise da sociedade. Um destes autores a cuja argumentação Offe vai ser contrário é Habermas (OFEE, 1993 p. 197). Porém, quando Offe discute a favor da centralidade do trabalho, o mesmo está tomando como verdadeiro o pressuposto daqueles que são contra a esta centralidade e que a atribuem a obra de Marx, como é o caso de Habermas. Offe acaba caindo na vulgarização do entendimento da obra marxiana e marxista, dando mais munição para os adversários teóricos do legado de Marx e os demais marxistas.

#### **A ontologia e o trabalho em Marx**

Antes de apresentar o conceito de trabalho e ontologia na obra de Lukács, é necessário apresentá-lo em Marx, que é um autor fundamental para o desenvolvimento da ontologia de Lukács. Segundo Lessa (2014, p. 9), Marx é o primeiro pensador a dizer, de modo decisivo, que é pelo trabalho que o mundo humano é formado e se destaca da natureza. É a partir desta realidade que Marx define o trabalho como:

atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso –, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais (MARX, 2017, p. 261).

Lessa (2014) diz que a universalidade do trabalho na vida social, não importando a forma social e fenomênicas, em que se manifestam, faz do trabalho uma categoria concernente às determinações essenciais do ser humano. Contudo, o mesmo autor diz que em Marx a essência humana não poderia ser reduzível ao trabalho, este “é apenas uma das determinações dessa essência” (LESSA, 2014, p. 9) e a verdadeira essência humana seria o conjunto das relações sociais.

Lessa (2014) diz que não seria possível a sociabilidade sem o trabalho e nem trabalho que fosse constituinte “da reprodução de alguma sociedade particular” (LESSA, 2014, p. 9). Sobre esta relação entre trabalho e sociedade, é importante pontuar que o mesmo, enquanto categoria universal, não é nem mais e nem menos real do que as suas “formas sociais” particulares, formas estas que o assume em cada momento histórico e social. Seria o caso do trabalho de coleta na comunidade primitiva, realizado de forma comum, o do escravo no escravismo, o servil no feudalismo e o do assalariado no capitalismo.

O trabalho como categoria universal, enquanto condição eterna da vida humana, e o trabalho entendido de forma particular – o trabalho em cada modo de produção – são semelhantemente reais e existentes, partes movidas e moventes da história. Segundo Lessa (2014), Marx rompe com a concepção ontológica tradicional, para uma concepção nova, entendendo o ser como “uma síntese de ‘múltiplas determinações’, entre elas, as da esfera fenomênica e as da essencial” (LESSA, 2014, p. 9). Desta maneira, para Marx, o essencial e o fenomênico são determinantemente existentes, sendo que a diferença entre eles é o seu grau de

permanência na história e sua relação com a continuidade.

Consideremos o trabalho, novamente. Ele é constitutivo da essência humana, faz parte do conjunto de determinações que distingue, essencialmente, o ser social da natureza.

O pertencimento do trabalho a esse conjunto de determinações pode ser claro e precisamente delimitado: cumpre a função da peculiar continuidade humana, a reprodução social. Nesse sentido, para Marx o trabalho é uma “eterna necessidade” em se tratando do ser social. Todavia, por ser uma determinação essencial do mundo dos homens, não é a ele anterior (para não deixar dúvidas: nem lógica nem cronologicamente). Por ser uma condição “universal” e “eterna” da vida humana, é “comum” a todas as formações sociais. Justamente por ser uma determinação essencial do mundo dos homens, o trabalho apenas pode existir através da sucessão histórica das formações sociais particulares, ou seja, do mundo fenomênico. O fenômeno, para o pensador alemão, é uma mediação decisiva no ser da essência, o desenvolvimento da esfera fenomênica interfere no desenvolvimento da essência. Isso é assumido por Marx com tal radicalidade que o desaparecimento dos fenômenos implicaria, necessariamente, no desaparecimento da essência; sem a existência dos modos de produção não pode existir trabalho (LESSA, 2014, p. 9 e 10).

Conseqüentemente, está aberta a possibilidade para o ser humano ser o demiurgo da sua própria essência, já que a essência, para Marx, é tão histórica quanto o fenômeno. Portanto, a essência

humana deixa de ser o limite histórico, que nas perspectivas anteriores era intransponível e se torna – guardadas as devidas mediações – o “tablado” para o salto ontológico humanizador. Na medida em que o ser social se constitui como tal, é a base necessária para se transformar e se reinventar sem limite, transformando-se cada vez mais neste ser genérico, ser social que é. Apresentado o pensamento ontológico e do trabalho em Marx, não a intenção de aprofundar sobre o trabalho, de maneira geral, seja em Marx ou em Lukács, haja vista que o tema e a problemática, que se desenvolve neste texto, é algo específico do trabalho e não o trabalho na sua totalidade<sup>2</sup>. Agora adentraremos no pensamento de Lukács, expondo o que vem a ser o pôr teleológico, que, para o filósofo húngaro, se manifesta, primeiramente, no trabalho.

### **A ontologia do ser social de György Lukács: o trabalho como princípio ontológico**

A problemática que nos aparece e tentaremos responder é: para György Lukács, em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social*, o trabalho é (ou melhor, esgota) a essência do ser social ou se, apesar de ter uma prioridade ontológica, esta categoria (a saber, o ser social) não pode ser reduzida ao trabalho?

Para uma análise mais aprofundada de Lukács e da categoria trabalho se fez necessário “demonstrar as três determinações fundamentais da análise lukacsiana do trabalho: modelo de formas superiores, prioridade ontológica e abstração isoladora” (FORTES, 2016, p. 48). E faremos esta análise na sequência.

<sup>2</sup> Para o aprofundamento sobre o entendimento do trabalho em Marx e Lukács, indicamos o texto

de título *MUNDO DOS HOMENS: TRABALHO E SER SOCIAL*, de Sérgio Lessa.

### **O modelo das formas superiores: o pôr teleológico**

O pôr teleológico para Lukács, segundo Fortes (2016), é o que há de mais geral na atividade do ser social, e não o trabalho. Contudo, é no trabalho que o pôr teleológico se manifesta pela primeira vez. O pôr teleológico no trabalho é a possibilidade de descobrir os elementos pertencentes no objeto sobre o qual se quer trabalhar. Por exemplo, perceber na madeira a possibilidade de ser transformado em outro objeto, como mesa ou cadeira, entre outros. E, uma vez percebidos estes elementos presentes no objeto, sobre o qual se quer trabalhar, idealiza-se planejando no campo da ideia, e depois de planejado idealmente se modifica o objeto através do trabalho, sendo este uma práxis social.

Todavia, o pôr teleológico não se apresenta somente no trabalho. O pôr teleológico se manifesta também em atividades do ser social que são mais complexas e sofisticadas. Como exemplo, temos a atividade da política. A política, diferentemente do trabalho, tem como objetivo modificar não um objeto da natureza e sim modificar e atingir, para provocar influências, a consciência do outro ser social. Desta maneira, o pôr teleológico se manifesta na política de modo mais sofisticado. Na prática da política, o ser social tem que perceber as possibilidades de transformações possíveis a partir da realidade sócio-histórica humana, encontrar caminhos para uma intervenção que seja efetiva e que se transforme dentro das possibilidades históricas humanas.

Desse modo é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova

objetividade. Assim, o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na qual, com efeito – mesmo que através de mediações às vezes muito complexas –, sempre se realizam póres teleológicos, em última análise, de ordem material. É claro, como veremos mais adiante, que não se deve exagerar de maneira esquemática esse caráter de modelo do trabalho em relação ao agir humano em sociedade; precisamente a consideração das diferenças bastante importantes mostra a afinidade essencialmente ontológica, pois exatamente nessas diferenças se revela que o trabalho pode servir de modelo para compreender os outros póres socioteleológicos, já que, quanto ao ser, ele é a sua forma originária (LUKÁCS, 2013, p. 47).

Segundo Fortes (2016), para Lukács é somente quando realmente se transforma a realidade que há um pôr teleológico efetivo. É o pôr teleológico o elemento mais geral nas atividades do ser social e não o trabalho. É, antes de tudo, o pôr teleológico que discute as possibilidades de mudança sobre o objeto que quer modificar; é o elemento mais geral do ser social, pois o pôr teleológico é o que está presente em todas as atividades sociais. Agora vamos analisar o trabalho como categoria ontológica.

#### **Prioridade ontológica do trabalho**

Segundo Fortes (2016), Lukács entende por prioridade ontológica a base que é necessária para que outros complexos possam existir. Lukács, segundo Fortes (2016), entende as atividades do ser social como complexos de complexos, pois cada categoria<sup>3</sup> social tem dentro de si vários elementos que determinam o que a categoria é. A política, a estética e a moral são categorias, pois no interior

ontológica, como Lukács a entendia, e não de maneira lógico-gnosiológico.

<sup>3</sup> Entendemos aqui o conceito de categoria como manifestação e pertencente a realidade

delas há como exemplo o pôr teleológico e outros elementos que as distinguem umas das outras.

O trabalho é, assim, reconhecido em Lukács como complexo do trabalho, pois nele há elementos de definição ontológica. O complexo do trabalho é o fundamento ontológico de todas as atividades do ser social, pois é nele que se manifesta o que nos diferencia dos outros seres e é através do trabalho que se modifica a natureza. Para que o ser social possa realizar a atividade da política, da arte ou da moral, entre outros, é necessário que o mesmo ser exista materialmente, pois sem a sua existência material não há atividade social, por mais sofisticada que seja.

Por conseguinte, o complexo do trabalho é a base fundamental ontológica, pois ele modifica as outras formas de seres, a saber, o ser inorgânico e o ser orgânico. Com isso, os outros seres se tornam também fundamentos ontológicos do trabalho, já que, para o trabalho modificar o ser inorgânico e o ser orgânico, ambos precisam existirem materialmente. Porém, mesmo sendo o ser inorgânico e o ser orgânico a base fundamental ontológica do complexo do trabalho, o trabalho está em um nível de complexidade superior ao dos seres que ele modifica.

Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível. É o que ocorre com a tese central de todo materialismo, segundo a qual o ser tem prioridade ontológica com relação à consciência. Do ponto de vista ontológico, isso significa simplesmente que pode haver ser sem consciência, enquanto toda consciência deve ter como

pressuposto, como fundamento, algum ente (LUKÁCS, 2018, p. 307)

O mesmo acontece com as outras atividades do ser social. Por mais que o complexo do trabalho seja o princípio ontológico para outras formas de complexo social, há outros complexos de *práxis* social mais sofisticados que o trabalho. A partir do exposto até aqui, vamos analisar o motivo pelo qual Lukács começa a sua argumentação sobre a essência do ser social pelo trabalho.

### **A análise lukacsiana do trabalho como abstração isoladora**

No primeiro capítulo, da segunda parte da obra *Para uma ontologia do ser social*, Lukács começa analisando o complexo do trabalho. Contudo, não para nele. A sua análise tem continuidade nos capítulos *A reprodução* – no qual estuda a forma de reprodução material do ser social –, *O ideal e a ideologia* – no qual argumenta como a ideia e as ideologias têm suas bases na realidade ontológica – e no capítulo dedicado ao *Estranhamento* – no qual analisa a realidade do ser social estranhada da sua essência.

Isto é importante pontuar, pois, como Fortes (2016) argumenta, só se pode compreender o estudo da essência humana por Lukács compreendendo a totalidade da sua obra, pois no capítulo dedicado ao trabalho não aparecem categorias fundamentais para o entendimento da essência do ser social da forma como Lukács o entende. Estas categorias fundamentais só são apresentadas no decorrer da sua obra, nos capítulos que se seguem ao do trabalho.

Contudo, para analisar a essência do ser social, é necessário um método de investigação das categorias sociais que forjam o ser social. Não há como começar esta análise estudando a totalidade do ser social, pois se corre o risco de tornar o que é superficial como fundamental, e o que se encontra apenas na aparência como se fosse essencial.

Assim sendo, Lukács, segundo Fortes (2016), realiza uma abstração isoladora. Isto significa uma decomposição da totalidade social, analisando-a separadamente, mas demonstrando a relação entre as várias categorias que formam os complexos que criam e fazem parte do ser social. Por esta razão, Lukács começa seu estudo no seu segundo volume analisando e investigando o complexo do trabalho, para depois se situar no lugar em que este complexo do trabalho se estabelece na formação do ser social, e, após este estudo poder continuar a analisar os demais complexos forjadores da essência do ser social.

Desta forma, se realiza uma abstração das categorias do ser social, ou seja, uma reprodução ideal do movimento real do objeto que se quer investigar, investigando isoladamente cada um e descobrindo as relações que um estabelece com o outro. Já que são complexos categoriais, estes por mais diferentes que sejam, formam uma unidade dessemelhante no âmago da totalidade do ser social. Este método de análise de investigação da essência de um determinado objeto é, segundo Lukács, o mesmo adotado por Marx na sua obra *O Capital*.

Por essa razão, para desmaranhar a questão, devemos recorrer ao método marxiano das duas vias, já por nós analisado. Ou seja, primeiro decompor, pela via analítico-abstrativa, o novo complexo do ser, para então, a partir

desse fundamento, retornar (ou avançar rumo) ao complexo do ser social, não somente enquanto dado e, portanto, simplesmente representado, mas agora também compreendido na sua totalidade real. (LUKÁCS, 2013, p. 40).

Marx apresenta o seu método analítico no livro terceiro de *O Capital*. Nele, Marx dá início à sua investigação sobre o capitalismo em sua essência, deixando de lado, segundo o mesmo pensador, influências secundárias, realizando um processo gradativo de intensificação sobre a realidade das relações econômicas estabelecidas nesta sociedade do capital, e indo cada vez mais fundo nos seus complexos categoriais formados da sua essência, enquanto relação econômica.

Através do método analítico de abstração isoladora, Marx começa a analisar a categoria de processo de produção capitalista no primeiro livro. No segundo livro já é invertido o processo de circulação, e no terceiro, analisa o processo global da produção capitalista.

No Livro I, investigamos os modos de manifestação que o processo de produção capitalista, considerado em si mesmo, apresenta como processo direto de produção; nessa análise, ainda abstraímos de todos os efeitos secundários provocados por circunstâncias alheias a ele. Mas o processo direto de produção não esgota a biografia do capital. Ele é complementado, no mundo real, pelo processo de circulação, que constituiu o objeto das investigações do Livro II. Nesse último, especialmente na seção III, dedicada à análise do processo de circulação como mediação do processo social de reprodução, mostramos que o processo de produção capitalista, considerado como um todo, consiste na unidade de processo de produção e processo de circulação. Neste Livro III, nosso

objetivo não poderia ser o de desenvolver reflexões gerais sobre essa unidade. Trata-se, antes, de descobrir e expor as formas concretas que brotam do processo de movimento do capital considerado como um todo. Em seu movimento real, os capitais se confrontam em formas concretas, para as quais a configuração do capital no processo direto de produção, do mesmo modo que sua configuração no processo de circulação, aparece apenas como momento particular. Assim, as configurações do capital, tal como as desenvolvemos neste livro, aproxima-se passo a passo da forma em que se apresenta na superfície da sociedade, na ação recíproca dos diferentes capitais, na concorrência e no senso comum dos próprios agentes da produção. (MARX, 2017, p. 53)

Lukács, comentando sobre *O Capital*, argumenta:

Na tentativa de determinar em nível de extrema generalidade os princípios decisivos da sua construção [O Capital], podemos dizer, à guisa de introdução, que ela tem como ponto de partida um vasto processo de abstração, a partir do qual, por meio da dissolução paulatina das abstrações metodologicamente indispensáveis, abre-se o caminho que conduz, etapa após etapa, à apreensão ideal da totalidade em sua concreticidade clara e ricamente articulada. (LUKÁCS, 2018, p. 309)

Desta forma, Lukács começa sua investigação sobre a essência do ser social, com o complexo do trabalho. O autor não quer afirmar que o trabalho é a essência do ser social, mas sim está realizando uma abstração isoladora da totalidade do ser social. Por esta razão, afirmamos que não é o trabalho, única e exclusivamente, a essência do ser social

e sim os complexos de complexos que Lukács apresenta na sua obra máxima.

### Considerações finais

A problemática que tentamos responder é: para György Lukács, em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social*, o trabalho é (ou melhor, esgota) a essência do ser social ou se, apesar de ter uma prioridade ontológica, esta categoria (a saber, o ser social) não pode ser reduzida ao trabalho? Para tanto apresentamos, de maneira limitada o filósofo húngaro, para introduzir o problema que tentamos responder. Porém, antes de adentrar a obra do Lukács, discutimos a vulgarização na interpretação da obra de Marx e do legado marxista, vulgarização esta que se argumenta haver em Marx e no marxismo uma espécie de centralidade do trabalho, como se o trabalho fosse algo central de tal maneira que o ser social poderia ser reduzido ao trabalho, configurando-se uma ontologia do trabalho. Para analisar a sociedade, tanto em Marx quanto os marxistas só fazem através da perspectiva do trabalho como central e essência do ser social.

A contar deste momento, apresentamos a argumentação de Jürgen Habermas, que apesar de não usar o termo como centralidade do trabalho, ou ontologia do trabalho, parece partir deste conceito para questionar, de maneira contrária, o legado de Marx e dos marxistas. Chega-se ao ponto de invocar uma “centralidade” da comunicação contra a “centralização do trabalho.

Apresentamos, também, a discussão de Claus Offe, contra a argumentação de Habermas e demais tendências de algumas sociologias que inferem o fim da sociedade do trabalho, advogando outros conceitos para a análise da sociedade. Na sua argumentação, Offe defende a centralidade do trabalho como conceito central para a compreensão do

universo social e atribui está “centralidade” como conceito central na análise da sociedade, realizada por Weber, Durkheim e Marx. Desta maneira, Offe toma o pressuposto de quem quer advogar contra, cometendo uma vulgarização do pensamento de Marx e dos marxistas, pois acaba reafirmando o pressuposto de Habermas.

Após apresentarmos as interpretações vulgarizadoras sobre o pensamento de Marx e os marxistas, expomos o pensamento de Marx sobre o trabalho e a ontologia. O mesmo percebe o trabalho como uma necessidade humana vital e eterna para sua sobrevivência material. Desta maneira não importa a forma fenomênica e histórica como o trabalho se manifesta em cada sociedade, o trabalho sempre será uma condição necessária de relação entre o ser humano e a natureza, pois depende dela para a sua vida e reprodução material. Porém não se pode entender o trabalho, em Marx, como a essência do ser social e sim como uma das formas de sua determinação. Para Marx a essência humana seria as relações sociais, realizadas e forjadas historicamente.

Desta forma a essência do ser social, em Marx, é uma essência forjada, historicamente, é realizada pela própria humanidade. Ou seja, a essência do ser social é criada e modificada pelo próprio ser social, desta forma não sendo uma essência plasmada, oferecida por um ser, ou uma força, não humana e não-histórica.

Seguindo a argumentação do trabalho e a ontologia em Marx, adentramos no pensamento de Lukács, para podemos responder a problemática que se quer responder, a que já aludimos anteriormente. Começamos discutindo sobre o pôr teleológico, pois para Lukács o pôr teleológico é o que há de mais geral na *práxis* social; a mesma está presente

em todas as realizações do ser social. E, mesmo aparecendo pela primeira vez no trabalho, o pôr teleológico, é mais geral que o trabalho. O pôr teleológico é a possibilidade de encontrar na realidade material das naturezas, as possibilidades de mortificá-las, sendo mediado pelo trabalho.

Todavia, mesmo o pôr teleológico se manifesta pela primeira vez no trabalho. O pôr teleológico se sofisticava, se torna mais complexo, na medida em que vai se manifestando em outras formas de manifestações das *práxis* social, como é o caso da política, sendo o que se quer modificar é a consciência do outro.

Lukács entende as atividades do ser social como complexos de complexos haja vista que, cada categoria social tem dentro de si vários elementos que determinam o que cada categoria é. Por esta razão, o trabalho, em Lukács é reconhecido como complexo do trabalho. O trabalho, em nível ontológico, se apresenta como plataforma dos outros complexos das atividades do ser social. As demais manifestações da essência do ser social necessitam de uma base material, pois o ser social só pode existir enquanto consegue se manter e se reproduzir materialmente. Antes que o ser social possa realizar atividades políticas, artísticas, científicas entre outros, é necessário primeiro existir materialmente, de outra maneira não poderá realizar estas atividades mais complexas e sofisticadas da *práxis* social. E a categoria que permite a reprodução e a vida material do ser social é o trabalho.

Contudo mesmo que as outras categorias sociais necessitem do complexo do trabalho para existir, dele se diferenciam em nível de complexidade e sofisticação, tendo proximidades, mas também diferenças, em nível ontológico. Deste

modo não se pode compreender, em Lukács, uma ontologia do trabalho, a essência sendo reduzida ao trabalho, como manifestação da totalidade absoluta da essência do ser social. Se fosse para atribuir uma categoria como essência do ser social, a categoria mais próxima disso não seria o trabalho e sim o pôr teleológico, pois o mesmo é o mais universal nas atividades humanas e que se manifesta em todas as atividades humanas. Compreendemos, por esta razão, que, para György Lukács, na sua obra máxima *Para uma ontologia do ser social*, o ser social é definido como um complexo composto de complexos, e está sendo a essência do ser social.

#### Referências

FORTES, Ronaldo Vielmi. As três determinações fundamentais da análise lukaacsiana do trabalho: modelo das formas superiores, prioridade ontológica e abstração isoladora. Crítica da ideia da centralidade do trabalho em Lukács. In. Verinotio, n. 22, outubro 2016. Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.275012145075027.pdf>. Acessado em: 04 julho de 2024.

HABERMAS, Jürgen. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LUKÁCS, Georg. **Para uma Ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2018.

\_\_\_\_\_. **Para uma Ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LESSA, Sérgio. LUKÁCS: ESSÊNCIA, HISTÓRIA E REVOLUÇÃO. In. Revista Novos Rumos, n. 1, junho de 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/0102-5864.2014.v51n1.8216>. Acessado em: 6 julho de 2024.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2017.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método na teoria social. In. CFESS. **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: CFESS, 2009. p. 667-700

OFFE, Claus. **Capitalismo Desorganizado: Transformações Contemporâneas do trabalho e da Política**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Recebido em 2024-05-23  
Publicado em 2024-10-04